



Acordar os vizinhos: sobre os exílios de Jorge de Sena

Waking up the neighbors: Jorge de Sena and the exile

André Corrêa de Sáⁱ (University of California, Santa Barbara)

Resumo: Há uma ideia geral acerca da obra poética de Jorge de Sena, segundo a qual a temática do exílio, que Sena terá experimentado enquanto professor de literatura luso-brasileira e literatura comparada no Brasil (em Assis e Araraquara) e nos Estados Unidos da América (em Madison e em Santa Barbara) configura uma das linhas de força maiores do seu trabalho. Em sentido alternativo ao dessa ideia geral, que lê o exílio nos termos disfemísticos de um desenraizamento compulsório, pretendo aqui propor uma descrição da sua experiência de vida no estrangeiro nos termos agônicos de um movimento de extroversão voluntário que, ostensiva e paradoxalmente, consentiu a Sena a liberdade necessária para se fazer ouvir nos círculos literários portugueses.

Palavras-chave: Jorge de Sena, exílio, Walden.

Abstract: There is a general idea about Jorge de Sena's poetic work, according to which the topic of exile, which Sena experienced as an immigrant in Brazil and in the United States of America is one of the major features of his work. Alternatively, instead of reading exile in the dysphemistic terms of a compulsory uprooting, I wish to propose that his experience of living abroad may be seen in the agonistic terms of a movement of voluntary extroversión that, ostensibly and paradoxically, allowed Jorge de Sena to have a voice within Portuguese literary circles.

Keywords: Jorge de Sena, exile, Walden.

O escritor português deve sair de Portugal para ver o país à distância, porque Portugal é daqueles países que de perto fica extremamente pequeno e que cresce com a distância.
Jorge de Sena (entrevista a Manuel Poppe, 1977)

I.

Muitos poetas portugueses importantes devem a sua reputação ao facto de terem vivido fora de Portugal em algum momento das suas carreiras. A essa experiência chama-se tipicamente "exílio" e, como observa Octavio Paz num célebre ensaio sobre Fernando Pessoa, a consciência do exílio tem sido uma tendência favorita da geração de escritores a que chamamos modernos. Neste particular, Jorge de Sena, à semelhança dos seus heróis Luís de Camões e Fernando Pessoa, é um rematado exemplo de como a insistência num acontecimento biográfico rotineiro se pode tornar um tópico crítico amplamente subscrito.

Porém, em era de diásporas económicas, políticas e religiosas, talvez devêssemos hesitar antes de puxar da carta do exílio para tornar mais expeditos os nossos argumentos sobre certos poetas e certos poemas de que gostamos em particular, ainda que o poeta seja Jorge de Sena e o poema "Em Creta, com o Minotauro". Sintomaticamente, Francisco Cota Fagundes (2000, p.197), autor de vários estudos diligentes sobre as questões do exílio e da emigração em Jorge de Sena, enquanto explica os poemas em que esses temas surgem, observa que o próprio Sena, *scholar* que ergueu exaustivos monumentos de erudição e análise em prol da clarificação filológica, hesitava em relação ao termo que melhor descreveria a sua situação de residente no estrangeiro, primeiro no Brasil, em Assis e Araraquara, depois nos Estados Unidos, em Madison e Santa Barbara.

Seja como for, tenho razões para colocar reservas à utilização de uma expressão como exílio (e suas variações e correlatos) para explicar a força testemunhal de Jorge de Sena. Por um lado, porque esta noção se aplica frequentemente às vidas de pessoas em cuja pele não gostaríamos de estar, com o objetivo de suscitar sentimentos de empatia em relação a experiências de vida, tais como más escolhas pessoais, embates com pessoas poderosas, golpes de azar súbitos, etc., que nos deixam magoados e amargurados. Por outro lado, porque no clima de exceção a que é costume chamar-se "portugalidade" esses afetos negativos em relação à vida no estrangeiro são geralmente combinados, de forma paradoxal, com o sucesso histórico do ressentimento contra a pátria, notória desde o tempo de Camões por tratar como bastardos os filhos que nela vêm à luz. A fórmula crítica que resulta desta combinação venenosa de desterro e ressentimento, de resto sugerida pelo próprio Sena em inúmeros passos da sua obra, tem revelado todo o esplendor da sua natureza imperialista e raras vezes a crítica tem perdido uma oportunidade para incluir os paradigmas do "exílio" e do "testemunho" nos seus sermões sobre Jorge de Sena.

Mas nem sempre podemos levar demasiado a sério aquilo que o escritor nos diz sobre a própria obra com o objetivo de a fazer notada pelos contemporâneos. Uma vez que posso presunçosamente considerar-me um figurante num cenário no qual Sena, que teimava em ver-se como uma “espécie de exilado profissional” (LOURENÇO, 2019, p.8), é o protagonista maior, permitam-me que contrarie as convenções académicas e comece por inserir uma nota estritamente pessoal. Em finais de junho de 2017 saí, pelos meus próprios pés, do exílio brasileiro em direção ao exílio californiano, passando brevemente por Portugal para tratar do visto de trabalho e decidir o que fazer à absurda quantidade de livros que, entretanto, ia acumulando entre Portugal e o Brasil. Embora fosse completamente inesperado poucos meses antes e tenha sido em grande medida accidental, essa jornada inspiradora constituiu precisamente o tipo de “jornada do herói” que me podia ter levado, por inerência de posto e na expressão do crítico literário Miguel Tamen (2015, p.157), a começar a usar em torno do pescoço um “cachecol desportivo” muito parecido com o cachecol que anos antes Jorge de Sena, saindo, também pelos seus pés, de um exílio anterior para o exílio californiano de Santa Barbara, teria ele próprio começado a usar. Não obstante, tal como Miguel Tamen (e como Sena, de resto) também eu tenho enorme relutância em inscrever-me em qualquer tipo de agremiação identitária.

No caso dos livros de Jorge de Sena, essa relutância inclina-me, por norma, a duvidar das elegantes paisagens explicativas que se abrem como uma concha acústica diante de nós quando, a pretexto das solicitações do próprio autor, associamos a circunstância de viver numa cidade cujos habitantes não são maioritariamente portugueses a uma aura poética demarcada por gélidas, inhóspitas e humilhantes (embora sedutoras) paisagens do “exílio”. Ao mesmo tempo, as superfícies de opacidade e idealismo que decorrem da ressonância que Sena estabelece com Camões e com Pessoa impedem que possamos relacionar-nos diretamente com essas paisagens. Afinal de contas, de que falamos quando falamos, citando Jorge Fazenda Lourenço (2019, p.8) em primeiro lugar, de “poetas do exílio” e em “dimensões do exílio”?

II.

Num ensaio já convertido em lugar-comum, Edward W. Said, palestino com passaporte americano, que cresceu no Egito frequentando escolas inglesas e se radicou nos Estados Unidos sob a forma de um intelectual poliglota, define-o, em termos tanto

psíquicos como jurídicos, como uma forma de relação com um lugar originário, “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p.46). Pretende Said, com este diagnóstico quintessencial, orientar a compreensão da atmosfera particular do exílio nos termos de uma descrição de uma relação traumática com o tipo de idealização que os românticos abrigam sob o mutismo seletivo e religioso de expressões como “espírito de nação”. De acordo com a descrição que Said tornou corrente e que grande parte da crítica literária contemporânea tacitamente leu, defendeu e interiorizou¹, a vida do exilado obrigado a lidar com a distância da língua pátria e dos seus entes queridos é descrita nos termos de uma tristeza essencial, uma tristeza tão ontologicamente enraizada na consciência individual e tão intimamente sintonizada com as camadas mais profundas do coração que jamais pode ser derogada. Como sucede com outras formas e sintomas românticos, é comum que nas obras de escritores exilados o preço que se paga pelo distanciamento dos seus seja parcialmente compensado pelos benefícios de um rendimento criativo acima da média. Jorge de Sena seria, sem dúvida, um dos casos exemplares dessa ocorrência.

Porém, parece-me que o alargamento paradigmático da noção de “exílio”, de que resulta a sugestão de que todas as experiências de vida fora do país partilham uma atmosfera comum, propicia um uso talvez negligente do termo: convenhamos, por exemplo, que é pouco plausível concluirmos que *Camões*, de Garrett, ou *Os Maias*, de Eça, pela simples razão de terem sido escritos fora dos seus países de origem, são comparáveis com livros que relatam os sofrimentos e humilhações por que passam populações refugiadas. A esse respeito, veja-se os problemas que surgem desde logo num dos casos prototípicos do tópico do exílio na tradição da literatura em língua portuguesa: a célebre “Canção do Exílio”, do poeta indianista brasileiro Antônio Gonçalves Dias, cuja primeira quadra todos nós sabemos recitar mais ou menos de cor:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

¹ No caso da fortuna crítica de Jorge de Sena, é particularmente elucidativo que, na introdução à 2ª edição revista e aumentada de *O Essencial de Jorge de Sena*, Jorge Fazenda Lourenço tenha optado por estipular o âmbito maior da sua revisão do texto original: a “grande novidade deste ‘essencial’ remodelado talvez seja a centralidade da questão do exílio na configuração da obra de Jorge de Sena”.

Nesses versos em redondilha maior, compostos durante uma temporada acadêmica na Universidade de Coimbra, para se consolar das saudades do seu Brasil, Gonçalves Dias estipulou uma das máximas materializações do desejo nostálgico de regresso à pátria das nossas literaturas. Insistentemente parodiado e parafraseado por autores como Oswald de Andrade, Drummond e Murilo Mendes (numa lista sugestiva que inclui outros conterrâneos menos célebres e até um português, o pomposo Estevão D'Araújo V. Pereira e Alvim, que Beatriz Berrini descobriu num cancionero popular do século XIX), não há dúvida de que o poema nos faz sentir o quão precário e vazio pode ser o cotidiano de quem, por alguma razão, se vê distante dos ruídos do seu país.

É verdade que certos aspectos da *Canção* fazem com que os versos de Gonçalves Dias possam ser exibidos pelo leitor de Said como evidência ou ilustração fiel dos seus argumentos sobre a consciência cultural contrapontística desenvolvida pelo exilado. Entre outros exemplos possíveis, posso referir o facto de nesse emblema máximo do ufanismo brasileiro estar aparentemente encenada a relação dialética que o autor de *Orientalismo* estabelece entre o exílio e o seu contraponto, o nacionalismo, numa comparação que aliás parece talhada por medida para as ambiguidades e complexidades da sociedade brasileira do segundo reinado de que Gonçalves Dias tanta falta sente: "Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro" (SAID, 2003, p.49). No entanto, as eventuais similitudes com os postulados de Said são francamente deflacionadas pelo paroquialismo tropical do poema. O louvor à brasilidade que todos os críticos encontram nestes versos dificilmente rima com a proposição central da noção de exílio desenvolvida por Said de que o exilado é aquele que recusa todos os cachecóis identitários.

A *Canção* só tangencialmente reflete o modelo de Said. Lamúrias e angústias à parte, Gonçalves Dias nunca deixou o Brasil para trás, não tendo nunca experimentado essa "condição de perda terminal" que, segundo Said, constitui a marca do "verdadeiro exílio". E mesmo que a distância geográfica tenha sido decisiva para que o poeta se tornasse especialmente suscetível à nostalgia pelos primores brasileiros, duvido que o grande poeta romântico, na qualidade de cantor da independência, apadrinhasse sem reservas o teorema de Adorno, retomado por Said, de que "faz parte da moralidade não se sentir em casa na própria casa" (SAID, 2003, p.58). Não surpreende, portanto, que em vez de simbolizar uma visão de mundo inatingível, a "Canção do Exílio" alcançasse valor histórico rapidamente e,

quase sem se dar por isso, se tornasse “o grande paradigma da nacionalidade literária do Brasil”, levando a que suas palmeiras, seus bosques, suas estrelas e seu sabiá acabassem por ser formulaicamente inseridos no paraíso edênico que domina o âmbito expressivo do hino nacional brasileiro (MARQUES, 2014, pp.24-25). Em contrapartida, os versos de Gonçalves Dias desvelam uma dimensão alternativa a que me parece ser útil prestar atenção. Como penetrantemente nos explica José Guilherme Merquior (1965, p.44), a “Canção do Exílio” é inteiramente modulada por uma cláusula rítmica encantatória e psicoacústica, cláusula essa que, penso poder concluir, impõe a quem a escuta a submissão ao que Peter Sloterdijk, numa expressão extremamente feliz, chama o “matriarcado vocal” (2016, p.460) da terra natal. Do meu ponto de vista, a presença de uma malha sonora etnocêntrica no poema gonçalvino ajuda-me justamente a suplementar com uma descrição alternativa as muitas abordagens da problemática do exílio na obra de Jorge de Sena.

III.

Um passo conhecido de “Homenagem ao papagaio verde”, um dos contos mais celebrados de Jorge de Sena, apresenta de forma alegórica a questão que pretendo examinar nas próximas páginas. Sena compara os dois papagaios da sua infância, o Verde e o Cinzento, descrevendo o papagaio Cinzento, angolano, como um “sujeito retraído e friorento”, com “o olhar nostálgico, melancólico e a mansidão muito dócil do resignado e acorrentado escravo”, e o papagaio Verde, brasileiro, como um sujeito “exuberante, de amizades apaixonadas e de ódios vesgos”, que “faziam parte do seu carácter expansivo e espetacular” (SENA, 1976). As diferentes reações discursivas tinham correlato ao nível do vocabulário que cada um dos papagaios utilizava: enquanto o repertório do papagaio verde era “bravo, truculento, metaforicamente expressivo”, era reverencial, restrito e soturno o repertório vocabular do papagaio cinzento.

Pondo de parte o pretexto óbvio para dizer alguma coisa sobre a hostilidade etnocêntrica implícita na distinção traçada por Sena entre os dois papagaios, importa realçar que podemos aproveitar essa distinção para tirar um conjunto de ilações pertinentes sobre as duas modalidades de exílio que estão aqui em cena, cada uma delas associada a uma pletera de ambiências sonoras, por um lado precisas, por outro assimétricas, que julgo serem importantes para se compreender o que Jorge de Sena está a tentar fazer. Enquanto o exílio do papagaio cinzento é caracterizado pelo trauma do desenraizamento, isto é, pela

perda de vínculos do sujeito com os espaços primários de identificação sem os quais não poderão “efectuar transferências para o longínquo sem que se gere o medo da sua própria perda” (SLOTERDIJK, 2007, p.152), o exílio do papagaio verde é caracterizado pela habilidade para fazer do distanciamento em relação ao país onde se nasceu o signo de uma audaciosa reconquista da esfera vital, expressa por meio de uma linguagem mais audaciosa e vivaz.

Como o tópic do exílio, evocado pelos críticos, me parece funcionar mais como gesto de culpabilização daqueles que não souberam dar a Jorge de Sena o reconhecimento que lhe era devido do que como tentativa de descrever a sua presença na literatura portuguesa, proponho que se substitua uma palavra como “exílio” por uma palavra como “êxodo”. Uma distinção semântica entre os dois termos tem obviamente de ser feita à custa de uma simplificação conceitual e filológica que muitos críticos não apreciarão. Mas julgo que isso nos ajudará a manter uma relação mais vital com uma modalidade de existência poética que, num sentido decisivo, é mais aparentada ao biótopo épico dos *Lusíadas* do que aos acidentes biográficos de Luís Vaz de Camões. Vejamos como isso acontece.

IV.

Não procurei fotografias da época, mas julgo que tanto Santa Barbara como Goleta, a pequena cidade distante quinze quilómetros onde se situa o campus da UCSB e onde Jorge de Sena fixou morada, estão razoavelmente parecidas com o que eram em épocas anteriores. Calculo que por ver árvores e espaços ajardinados nos meus passeios diários, quando leio alguns versos ou bocados de prosa de Jorge de Sena em que se percebe, em bruto ou apenas em alusões subtis, o motivo do exílio, dou por mim a regressar, num movimento quase automático, não propriamente às reflexões adornianas sobre o carácter provisório e contingente de uma vida mutilada, mas à ressonância profética das linhas epigramáticas que Thoreau inscreveu na abertura de *Walden* (dou aqui a bela tradução portuguesa de Astrid Cabral):

Não me proponho escrever uma ode ao desânimo, mas a gargantear com o vigor de um galo matutino empertigado no poleiro, nem que seja apenas para acordar os vizinhos. (THOREAU, 2017, p. 16)

Como se sabe, a experimentação dos factos simples da vida que Thoreau realizou durante os dois anos e dois meses em que “vivia sozinho, a mais de quilómetro e meio de

qualquer vizinhança”, numa casa que ele mesmo construía junto ao lago Walden, em Concord, no Massachusetts, e ganhava a vida apenas com o trabalho das suas mãos (THOREAU, 2017, p. 17), tem o objetivo nuclear de funcionar como um encorajamento coletivo do povo americano. Em lugar da mera descoberta de si por si mesmo, o relato da sua experiência, originado como resposta a pedidos expressos dos seus concidadãos, destinava-se a avisar com “o vigor de um galo matutino” o grande público da América. Os objetivos comunitários do seu estágio pessoal de isolamento estão expressos de forma muito evidente numa das passagens mais conhecidas de *Walden ou a vida nos bosques*: “Fui para os bosques porque pretendia viver deliberadamente, defrontar-me apenas com os factos essenciais da vida, e ver se podia aprender o que ela tinha a ensinar-me, em vez de descobrir à hora da morte que não tinha vivido” (2017, p. 108). No caso da poética de Jorge de Sena, parece-me que a comparação com o experimento de Thoreau é útil para subscrever uma descrição alternativa a respeito da questão do exílio na sua vida literária, uma descrição que não leia as suas experiências poéticas a partir do preconceito de que os portugueses estão mais presentes em Portugal se não residirem no estrangeiro.

Onésimo Teotónio de Almeida, num ensaio em que revê a figura e o legado de Jorge de Sena à luz da noção de “estrangeirado”, observa que Sena se iludia a ele mesmo afirmando que colecionava nacionalidades, uma vez que era “portuguesíssimo dos quatro costados, foi sempre só português por onde quer que passou, e só como português falava, mesmo que o tema fosse a literatura inglesa” (ALMEIDA, p. 174, *italico meu*). O juízo de Onésimo, dotado de numerosas sugestões psicoacústicas, faz todo o sentido, mesmo se aparentemente torna problemática ou negligencia a encenação autorreferencial sobre o tópico do exílio na morfologia existencial de Jorge de Sena, que a crítica nos ensinou emblematicamente a identificar, por exemplo, no poema “Em Creta, com o Minotauro”. Todavia, por mais que o autor – e os leitores, já agora – deste maravilhoso poema emulem o seu ritual de desterritorialização (GAGLIARDI, 21), as suas reivindicações são problemáticas e a elas se poderia aplicar perfeitamente o que Stanley Cavell afirma a respeito de Thoreau: “The more deeply he searches for independence from the Puritans, the more deeply, in every step and every word, he identifies with them” (1972, p.10).

O paralelo com Walden é aqui evidente. Se Sena trabalhava incansavelmente numa redefinição da existência era, por certo, mobilizado pelo desejo de acordar Lisboa com o vigor de um galo matutino empertigado no poleiro: essa Lisboa que nunca ouvia o que ele

tinha a dizer, tal como não ouvira os decassílabos de Camões ou o lamento que percorre os versos da *Mensagem* de Pessoa. Veja-se, por exemplo, como a sequência das oito “Meditações à beira do Pacífico”, datadas dos meses de setembro, outubro e dezembro de 1972 e escritas em ressonância com as redondilhas camonianas de “Sobre os rios que vão”, parecem escritas por alguém que se passeia pelo estrangeiro com a camisola das quinas, mais do que alguém que tenta aproveitar as belezas naturais do novo país em que reside como o pano de fundo multicolor em que projetar e sublimar as significações da sua complexa e sensível experiência de homem das sete partidas.

A primeira meditação desenvolve-se, desde logo, a partir de analogias explícitas com as praias atlânticas que o poeta carrega na memória. A comparação, à primeira vista de estranho efeito, evidencia que a intenção do poeta não é apresentar ao leitor aspectos concretos da paisagem costeira de Santa Barbara, mas para mostrar como se pode driblar a referencialidade e a novidade do que nos rodeia numa meditação sobre a experiência do amor. O caso é que estes poemas, mesmo que não possam ser vistos como um contributo para a história natural da Costa do Pacífico, devem justamente de ser lidos nos termos de uma refundação da experiência humana nas praias desertas e semidesertas da costa de Santa Barbara. Por essa razão, os limites da praia são balizados pelas fronteiras da peregrinação existencial do expatriado, aqui cifradas pela tensão de metamorfose e pelo sentido de testemunho que se tornaram os gestos reiterados da poesia de Sena:

Aqui apenas é
na solidão do mundo a solidão buscada
para ter corpo inteiro sem que o saiba alguém
nem mesmo ele saiba se é mulher, se é homem
senão quando vestido for como lhe ordenam
que nas cidades vá como hábito de ser-se. (1978a, p. 243)

Como se tornou hábito deliberado da sua obra, o poeta não perde tempo a incorporar a paisagem senão como antonomásia e consumação de um itinerário pessoal. De qualquer modo, antevêm-se paralelos com *Walden*. Da mesma maneira que Thoreau usa a consciência ambiental, Sena, para quem a relva se limita a constituir uma “instituição municipal” sem qualquer relevância ou utilidade (Sena, 2011, 23), usa a realidade cultural concreta e simples que o rodeia para observar Portugal do lado de fora e confrontar os seus contemporâneos, dizendo-lhes em alto e bom som aquilo que eles não querem ouvir. Da mesma maneira que *Walden*, lido como o relato que é da tentativa de revisão e refundação

do *ethos* americano (HARRISON, 1992, p.227), nunca deixa de se identificar com as esperanças e as frustrações dos puritanos (CAVELL, 1972, p.10), também as meditações de *Sobre esta praia*, tidas pela crítica seniana canónica como o “testamento poético” de Sena (LOURENÇO, 2010, p.517), devem ser ouvidas como demonstração de uma identificação radical com as esperanças e as frustrações de “Portugal”.

Afinal, se nenhuma destas meditações explora em termos distintivos e significativos uma relação objetiva, nem sequer uma cumplicidade descritiva, com uma nova paisagem de pertencimento, é porque aos olhos de Sena nada disso faz falta. Em *Gardens*, Robert Pogue Harrison observa que no mundo contemporâneo se vê primariamente imagens, em detrimento de aparências. Enquanto as aparências “intimam”, distingue Harrison, as imagens apenas “indicam” (2008, p.118). Ora, a atitude seniana de meditar sobre aparências, processada por meio de “correlativos objetivos” (MAGALHÃES, 1981, p.55) e que atinge o seu auge nos poemas de *Metamorfoses* e *Arte da Música*, traduz-se, no caso destes poemas, na dialética que permite ao poeta obter a liberdade e a confiança para respirar o eco originário de Camões e Pessoa que os portugueses tinham perdido. Mas, de qualquer modo, enquanto somatório de gestos deíticos, a poesia de Sena está sempre rente à ambiência sonora de Portugal.

V.

À semelhança, aliás, do que sucede na maioria dos poemas escritos durante a sua vida nos Estados Unidos, os versos dos oito poemas sobre as praias de Santa Barbara não prestam homenagem às capacidades de observação do poeta. Seria, no entanto, errado presumir que, por não serem animados por um entusiasmo pela natureza que o rodeia, os poemas de *Sobre esta praia* não podem de maneira nenhuma ser aproximados do experimento de Walden. No meu entender, essa vinculação subsiste. É que a realidade da Califórnia, da mesma maneira que a realidade das margens do lago Walden, se acomoda, nestas meditações sobre o Pacífico, através das palavras do poeta urbano da Europa, à forma da parábola com a qual ele pretende temporalizar as vozes dos portugueses, levando-os a despertar na clareira aberta pelo vigor profético da sua própria escrita.

Embora de modo aparentemente paradoxal, é justamente neste aspecto que o modo de expansão dos poemas de Sena a respeito da vida americana pode ser visto como uma transposição da modalidade thoreuniana de expansão horizontal, simultaneamente

épica e religiosa, motivada por uma pedagogia do estranhamento e pela exteriorização da vida interior que se descreve e define no experimento narrado em *Walden* (HARRISON, 1992, p.227). Como em *Walden*, o sacrifício imediato dos confortos mundanos serve o propósito concreto de perseverar no caminho de uma transfiguração espiritual. Em certo sentido, essa prioridade absoluta da obra literária é sumamente exemplificada na moral holista que ecoa, em grande estilo e em gesto corretivo do seu precursor Camões, dos versos de “Em Creta, com o Minotauro”: “É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado/ a vida pelo mundo em pedaços repartida” (SENA, 1978a, p. 77).

Dito isto, é como se os poemas desta sequência, e os breves apontamentos paisagísticos que neles se oferecem (a névoa, as colinas de cores pardas, as escarpas, os arbustos ressequidos, típicos da paisagem do Sul da Califórnia) se combinassem com o tipo de “meditação aplicada” realizado em *Metamorfoses* e *Arte da Música*, oferecendo-nos poemas capazes de integrar a paisagem extrínseca das costas da Califórnia nas margens intrínsecas do poema: libertando versos, paisagem e corpos para o lugar de habitação do poeta rebelde. Para o explicar por meio da analogia proposta por Wai Chee Dimock em “A Theory of Resonance” (1997), é como se o facto de viver em cidades maioritariamente habitadas por estrangeiros tivesse concedido a Sena a liberdade necessária para modular a frequência sonora emitida por Lisboa e retransmiti-la, de novo para Lisboa, expurgada de ressonâncias banais e convencionais. Colocando a ênfase em dispositivos mediáticos capazes de operar em frequências transatlânticas de excitação contínua. Foi justamente o que Sena fez, por exemplo, com os livros sobre Camões e Pessoa, com as monumentais sínteses de história e cultura peninsular ou com os ambiciosos volumes de poesia traduzida.

Isto quer dizer que, em vez de retomarem o tópico do desenraizamento que constrange as paisagens do exílio a uma moral do desapego, as paisagens do êxodo reconstituídas em *Peregrinatio ad loca infecta* carregam a sugestão de que em grande parte da obra do poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta, crítico, professor e tradutor – eu diria: naquela parte que justifica a referência constante a Sena como um escritor *nosso* contemporâneo – se produz um momento de ressonância particular com os portugueses. Wai Chee Dimock, pela sua disponibilidade para ser lido de modos alternativos ao longo do tempo, designá-lo-ia um objeto diacrónico operando num contexto de democracia semântica. Marília Librandi aprovaria certamente que eu me inspirasse nas suas páginas sobre o assunto (2018) para explorar a importância da escuta na obra de Sena, o poeta que,

num famoso posfácio a *Arte de Música*, confessa que “se todas as artes me são necessárias à vida como o ar que respiro, a música ocupou sempre, entre elas, e em relação a mim, um lugar especial” (1978, p. 215).

A questão é que os gestos epistolares de Jorge de Sena – que ocupou grande parte do seu tempo a alimentar um espaço de ressonância com os seus amigos escrevendo-lhes longas e detalhadas missivas e deles estranhando o silêncio e exigindo missivas igualmente longas e detalhadas – me parecem muito mais eloquentes e fascinantes do que os romantismos da solidão. A sua tremenda energia conversacional, que Eugénio Lisboa descreve como “frequente, empenhada, incisiva, minuciosa, intensa” (2001, p.159), serviu-lhe, antes de mais, como maneira de compensar o afastamento espacial de Portugal e, ao mesmo tempo, para manter uma conversa quase diária com os amigos ausentes. Encenando uma conversa em viva voz, tão familiar quanto impetuosa, Sena fez da correspondência a possibilidade de se fazer ouvir em Portugal. Observem-se as dimensões de improviso e ênfase do seguinte passo de uma carta a Eugénio de Andrade, a propósito de um prémio literário que não lhe foi atribuído:

Acho que ela é um dos mais importantes poetas portugueses do nosso tempo. Mas acontece que se premiavam livros, e não pessoas. E, das duas uma: se se premiavam pessoas, a minha obra, queiram-no ou não, é mais importante e mais influente que a dela; se se premiavam livros, o meu é um dos maiores livros que neste século se escreveram em português, mesmo que a obra da Sophia fosse mais influente que a minha. Isto não tem qualquer saída que não seja o ódio coligado contra mim [...]. (SENA, 2016, p. 175)

Os muitos volumes de cartas já disponíveis testemunham a favor do seu desejo de arrolar constantemente novos interlocutores à extensa lista de endereços, com os quais pudesse transcender a finitude do isolamento por meio da abertura a uma imensa esfera de ressonância. Na minha perspectiva, a sensibilidade de Sena para os timbres, nuances e estruturas expressivas que ganham particular materialidade no meio epistolar fornece-nos matéria suficiente para perorar em defesa dos atributos “aurais” da sua obra. Nesse sentido, se tomarmos a sério os paralelos entre o dispositivo literário que Jorge de Sena pôs em movimento enquanto vivia no estrangeiro e o experimento humanista descrito em *Walden*, poderemos relativizar o sentimento trágico do poeta e passar a pôr em primeiro plano não o preço que ele, e sua família, naturalmente tiveram de pagar pelas circunstâncias de

recomeçar a vida em países distantes, mas a capacidade de desviar o tom de conversação de Lisboa que a longa permanência no estrangeiro o ajudou a obter.

Neste sentido, queria recomendar que a emigração de Sena para o Brasil e para os Estados Unidos possa ser descrita não à luz dos desconfortos terríveis e crepusculares que afetam as errâncias do exílio, mas, em alternativa, como o corolário do programa de extroversão, que, para lá das fronteiras e das esperanças logradas, lhe deu ânimo para desviar para terrenos mais propícios a conversa vulgar de um Reino caracterizado pela Estupidez. Como o próprio Sena respondeu a Abílio Diniz Silva, em entrevista de 1968, “Veja que [o exílio] é uma ideia muito contraditória, porque sou uma espécie de exilado profissional. Eu acho que já o era em Portugal, antes de lá sair” (SENA, 2013, p. 83). O facto é que, apesar da apreciável distância geográfica e das enormes cargas de solidão que foi imperioso suportar, a ancoragem em posições docentes estáveis e suficientemente bem remuneradas garantiu a Jorge de Sena o espaço de indulgência onde o poeta, o *scholar* e o professor obtiveram numerosos estímulos para a tarefa titânica de atrair e *encontrar* em Lisboa interlocutores e ouvintes, mesmo que esses estímulos arriscassem ser inoculados, como periodicamente foram, pela densidade amarga do silêncio.

Em suma: como corretamente divisou Luís Adriano Carlos, ainda que sob outro ponto de vista, assumir-se como o filho bastardo que residia no estrangeiro logo se tornou uma situação necessária para que a obra de Sena, simples promessa à data da sua saída de Portugal, pudesse definitivamente florescer. Alargando a sua liberdade por meio de metamorfoses compulsivas dos limites expressivos, Sena provou que é possível *sugar todo o tutano da vida* sem nunca deixar de gravitar em torno dos seus conterrâneos portugueses, mas também com a liberdade de quem não precisa de se rebaixar às autoridades encartadas, muito menos ao vício do desânimo que paralisa o mundo lusitano. Foi precisamente isto que, em tom emotivo, Sena verbalizou no célebre discurso da Guarda, em 1977:

Seja o que eu seja, continuo a ser o que era, quando me exilei muito a tempo naqueles idos negros e tristes dias de 1959: um escritor português que vive no estrangeiro e que mantém um permanente contacto com Portugal, até por obrigação profissional: catedrático de literatura portuguesa, que é um dos meus títulos e deveres, não tenho outro remédio senão estar aqui a par do que se publica. Por outro lado, a minha fidelidade a Portugal – e *fidelidade* é uma das palavras-chave da minha pessoa e da minha obra, como *liberdade* é outra – nunca me permitiu livrar-me de partilhar (acrescentadas à

dor da distância) as dores e as alegrias, os desalentos e as esperanças de Portugal. (SENA, 2011b, 328-329)

Admitamo-lo: o desencanto de Jorge de Sena com o país não oferece quaisquer dúvidas. Teve inequívocas razões políticas e pessoais para isso. Mas, como oportunamente observa Joaquim Manuel Magalhães, “Não vale a pena criar uma lenda de poeta incompreendido e perseguido” (1981, p. 51). A participação em atividades da oposição, nomeadamente o envolvimento no frustrado golpe da Sé, em 1959, e os artigos de opinião que publicou no Brasil, valeram-lhe, depois da saída para o Brasil, um mandado de captura, convertido depois da sua naturalização brasileira num mandado de proibição de entrada em território nacional, que Marcelo Caetano só anulou em 1968. Claro que podemos encarar o exílio sob o ângulo que Sena sugere (o do “exilado profissional”), segundo o qual toda a sua existência é descrita como uma longa experiência de exílio interior, para o qual não faria qualquer diferença viver em Portugal, no Brasil ou nos Estados Unidos. Por isso, se quisermos descrever o que beneficiou os seus livros pelo facto de terem sido pensados e escritos fora de Portugal, talvez seja escusado subjugarmos a situação de liberdade que Sena encontrou no estrangeiro ao drama psicológico do exílio, e escolhermos outra palavra: como *êxodo*, por exemplo.

Sena ficou sobretudo com o tratamento pouco acolhedor concedido à sua voz e o seu *ethos* iluminista (JACKSON, 1981, p.212) não mais se compadeceria com a vida em Portugal. Seja como for, a sua lealdade mais profunda não era para com nacionalidades, mas com a cultura portuguesa a que, contingencialmente, pertencia. E a intensidade do seu acoplamento a essa cultura, que dignificou e promoveu como poucos, sempre foi manifesto. Como evidente também é a ideia de que o exílio se tornou para Sena uma forma de relação com o país. Por isso, de Jorge de Sena pode consensualmente dizer-se que permaneceu decidido a estar presente em Portugal durante toda a existência, tendo, a partir de certo momento, optado por agir à distância por meio de livros de grande alcance e, sobretudo, por meio dos milhares de cartas que compulsivamente endereçou aos amigos e que os amigos aos milhares lhe destinaram. Nos prefácios e notas às várias edições que preparou a partir do arquivo epistolográfico do marido, Mécia de Sena, sua viúva, defendeu sempre que a correspondência teve uma dimensão crucial em todas as casas que habitaram no estrangeiro porque era a única maneira de manter viva a conversa com os companheiros distantes.

Não por acaso, uma missiva de Jorge de Sena, datada de 17 de novembro de 1974 e dirigida a Eduardo Mayone Dias, então professor na UCLA e também ele um português emigrado na Califórnia, realça precisamente a fúria da tuba canora e belicosa com que o autor de *Peregrinatio ad loca infecta*, no seu habitual estilo sacerdotal, quis sobrepôr a sua voz à lassidão dos seus vizinhos de Lisboa. Porque revela de modo lapidar a amplitude e a natureza audaciosa do seu projeto de vida no estrangeiro, bem como sua dependência do campo auditivo da sociedade literária portuguesa, cito-a longamente para terminar este ensaio, tal como foi publicada em 1999, num número da Gávea-Brown justamente dedicado a Mayone Dias:

Parece-me que há que acentuar o meu lugar como poeta, que é o que eu sou principalmente (onze livros de poemas desde 1942); como ficcionista (dois livros de contos); como dramaturgo (dois volumes de peças de teatro, uma delas, *O Indesejado*, considerada uma das mais importantes do século por alguma crítica); como tradutor de poesia de diversas línguas (três volumes coligindo centenas de poemas traduzidos); como crítico de tendência estruturalista (numerosos artigos e prefácios); como renovador e autoridade nos estudos camonianos (três volumes e vários artigos); como historiador da literatura e da cultura (vários volumes de ensaios, a história da literatura inglesa existente em português, os imensos dois volumes de Estudos de História e de Cultura, que se ocupam de literatura portuguesa e espanhola dos séculos XVI e XVII, o recente volume sobre Francisco de la Torre, etc); como ensaísta em geral. Quanto ao poeta, se posso ter alguma opinião na matéria, preferiria que V. se confinasse às informações gerais, a que repetisse que alguma crítica às vezes tem dito acerca da minha obscuridade (que é só o esconder-se que escrevi do melhor surrealismo antes dos surrealistas portugueses, e que publiquei muitos poemas que os neo-realistas desejariam ter escrito). (SENA, 1999, p.285-286)

Bibliografia Citada

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. "Jorge de Sena estrangeirado. Ou era-lhe apertada a camisa da pátria?" In: ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *O Peso do Hífen: Ensaios sobre a experiência luso-americana*. Lisboa: Imprensa de Ciências sociais, 2010. p. 167-174. ISBN 978-972-671-269-5.

CAVELL, Stanley. *The senses of Walden*. New York: Viking Press, 1972. ISBN 670-63357-7.

DIMOCK, Wai Chee. "A Theory of Resonance." *PMLA*, Modern Language Association, ano Oct 1997, v. 112, n. 5, p. 1060-1071, 1997.

FAGUNDES, Francisco Cota. *Ecos de uma Viagem - Em Honra de Eduardo Mayone Dias*. Chicago: Gávea-Brown, ano Jan.1998-Dec.1999, v. XIX-XX, 1999.

FAGUNDES, Francisco Cota. "Ser-se E/Imigrante e Exilado e Como: Subsídios para o Estudo de um Problemático Drama Seniano em Versos." In: FAGUNDES, Francisco Cota; GÂNDARA, Paula (org.). *Para emergir nascemos*. Lisboa: Salamandra, 2000. p. 191-243. ISBN 972-689-170-1.

HARRISON, Robert Pogue. *Forests: The Shadow of Civilization*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

HARRISON, Robert Pogue. *Gardens: An Essay on the Human Condition*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008. ISBN 978-0-226-31789-2.

JACKSON, Kenneth David. "Jorge de Sena: Toward a Contemporary Enlightenment." In: SHARRER, Harvey L.; WILLIAMS, Frederick G. *Studies on Jorge de Sena: by his colleagues and friends*. Santa Barbara: UCSB & Bandanna Books, 1981. p. 209-213. ISBN 0-942208-20-X.

LIBRANDI, Marília. *Writing by Ear: Clarice Lispector and the Aural Novel*. Toronto: University of Toronto Press, 2010. ISBN 978-148-75-0214-0.

LISBOA, Eugénio. "A mais imediata respiração da vida: sobre a correspondência de Jorge de Sena." In: *JORGE de Sena - Vinte Anos Depois*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. p. 159-164. ISBN 978-972-76-2183-5.

LOURENÇO, Jorge Fazenda et al. *A Poesia de Jorge de Sena: Testemunho, metamorfose, peregrinação*. Lisboa: Guerra & Paz, 2010. ISBN 978-989-8174-98-7.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. "Jorge de Sena e a diáspora, ou o Portugal disperso." In: LOURENÇO, Jorge Fazenda et al. *Matéria Cúmplice: cinco aberturas e um prelúdio para Jorge de Sena*. Lisboa: Babel, 2013. p. 75-89. ISBN 978-972-665-681-4.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. *O Essencial sobre Jorge de Sena*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2019. ISBN 978-972-27-2761-7.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos: Sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

MARQUES, Wilton José. *O Poeta do Lá*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. ISBN 978-85-7600-375-5.

MERQUIOR, José Guilherme. "O Poema do Lá." In: MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do Poema*. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1965.

SAID, Edward. "Reflexões sobre o exílio." In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60. ISBN 978-853-59-0333-1.

SENA, Jorge de. *Poesia II*. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Moraes Editores, 1978a.

SENA, Jorge de. *Meu caro Eduardo Dias [Santa Barbara, Cal., 17 de Novembro de 1974]. Gávea-Brown*, Vols. XIX-XX, Jan.1998-Dec.1999, pp.285-286.

SENA, Jorge de. *América, América*. Lisboa: Babel, 2011. ISBN 978-972-665-670-8.

SENA, Jorge de. *Rever Portugal*. Lisboa: Babel, 2011b. ISBN 978-972-665-668-5.

SENA, Jorge de. *Entrevistas. 1958-1978*. Lisboa: Babel, 2013. ISBN 978-972-665-679-1.

SENA, Jorge e ANDRADE, Eugénio. *Correspondência 1949-1978*. Org. e Apres. de Mécia de Sena e Isabel de Sena. Notas de Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa: Guerra e Paz, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: Bolhas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. ISBN 978-85-7448-274-3.

SLOTERDIJK, Peter; HEINRICHS, Hans-Jurgen. *O Sol e a Morte*. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

TAMEN, Miguel. *Artigos Portugueses*. 2. ed. aum. Lisboa: Documenta, 2015. ISBN 978-989-8566-95-9.

THOREAU, Henry David. *Walden: ou a vida nos bosques*. 4. ed. aum. Traduzido por Astrid Cabral. Lisboa: Antígona, 2017. ISBN 972-608-106-8.

ⁱ Professor assistente, Department of Spanish and Portuguese, University of California, Santa Barbara.
E-mail: acorreadesa@ucsb.edu